

a morte de durruti<sup>1</sup>*luis pérez infante***I. MADRI EM PERIGO**

Nos frentes de Aragão  
travava-se grande batalha  
quando chegou a notícia  
que de Madri se aproximavam  
cinco exércitos rebeldes  
com as mais modernas armas:  
tanques e metralhadoras,  
morteiros que a longa distância  
arruinariam a cidade.  
Junkers, Capronis<sup>2</sup>... (O Papa  
promete sua benção  
para maior eficácia).  
Buenaventura Durruti,  
que em Aragão lutava,  
quando soube estas notícias  
assim falou à brava gente:  
- Companheiros! Temos que ir

*Luis Pérez Infante nasceu em Galorza, Espanha, onde foi militante republicano durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Com a vitória de Franco, foi ao exílio, morrendo em Montevideú, em 1968.*

à capital da Espanha,  
onde o fascismo pretende  
cravar sua sangrenta garra.  
Em Castela lançamos  
uma decisiva carta  
nesta dura guerra contra a morte  
que temos travada.  
Iremos, então, a Castela  
vamos logo, camaradas,  
que para todo o corpo  
quando o coração para,  
e vocês sabem que Madri  
é o coração da Espanha.

## II. DURRUTI EM MADRI

Buenaventura Durruti,  
pelo no peito, dura barba<sup>3</sup>,  
com seus homens mais valentes  
vai às terras castelhanas.  
Seus olhos levam o mar  
até as planícies pardas  
– abraço para Castela  
Da Catalunha, sua irmã –  
Os ventos do planalto  
sopram gentis. Queimam  
do ardor nascido na neve  
e que aguçou a distância  
a coragem em si acesa  
das tropas catalãs.  
Empurrado pelo vento

## A morte de Durruti

e empurrado por suas ânsias  
chegou Durruti a Madri  
com o clarear da aurora.  
– Quem diria, Manzanares,  
pequeno rio sem água,  
que seu leito haveria de ser  
nosso limite com a África!<sup>4</sup>  
Que se sua margem direita  
pisam Franco e sua ralé,  
que de Marrocos veio  
ao som de falsas promessas,  
da sua esquerda brota, viva,  
fresca e ardente seiva,  
sólida quando em combate,  
da verdadeira Espanha,  
aquela dos trabalhadores  
que não reconhecem castas.  
Prometo-lhe, Manzanares,  
que o que lhe falta em água  
lhe preencherá o rubro-negro  
do meu sangue libertário,  
antes que ver por Madrid  
as sepulturas africanas.

**III. A MORTE**

Madri. Meados de novembro,  
era um chover cartucho.  
Do telhado ao alicerce  
estremeciam as casas.  
Quando não granizos, vidros

a chuva acompanhavam.  
O céu, todo uma nuvem  
cinza, densa, muito densa, baixa.  
A luz, o relampejar  
do canhão...  
Lutava-se.  
E a Morte, cega em sua ira,  
voando de casa em casa.  
- Por quem procura, companheira?  
Qual será a garganta  
que você persegue, Morte?!  
Responde!  
(Uma voz rasga o ar)  
- Quero aquele que me desafia  
com seu peito e sua arrogância  
procuro aquele que veio a minha procura  
de tão longe. Minha foice...  
- Mas me diga. Morte, me diga  
seu nome. Morte, como se chama...?  
- Durruti...!  
O vento se espanta.  
Por todo o lado vaga,  
frieza pairando no ar,  
o nome do camarada.  
Beunaventura Durruti,  
pelo no peito, dura barba  
pelos frontes de Madri,  
com toda sua brava gente,  
intimando a morte a Morte,  
a encarando olho no olho.  
(A Morte, como uma sombra,  
o rodeava, o rodeava.)

A morte de Durruti

- Companheiros! Ao ataque!  
 A bayoneta preparada!  
 Que não fique vivo um mouro!  
 Que aumente a fama  
 nossa com esse combate!  
 Que não possam superá-la  
 os mais valentes do mundo!  
 (Passo a passo se aproximava  
 muda, a Morte de Durruti.)  
 Os catalães avançam.  
 Loucas, às quatro, ventos  
 sibilam e sibilam as balas  
 que, perdidas, alvo encontram,  
 por desgraça, e nele são cravadas.  
 Um destes projeteis  
 detém subitamente a marcha  
 de todos os catalães.  
 Propaga-se o espanto. O que aconteceu?  
 Ninguém sabe nem responde.  
 pêlo no peito, dura barba  
 Buenaventura Durruti,  
 qquele que a Morte intimara,  
 abraçado com a Morte,  
 imóvel, no campo ficava.

#### IV. PROMESSA DE VINGANÇA

Ai, dor de Barcelona!  
 Pelas ruas, pelas praças  
 passa o enterro de Durruti.  
 Silenciosamente avança<sup>5</sup>

a comitiva, composta  
por milhares de camaradas  
que fecham, firmes, os punhos,  
que apertam, rudes, a barba,  
para que o choro não transborde.  
A multidão abarrotada  
sofre calada  
pelo cadáver que passa.  
Ai, dor de Barcelona,  
que é a dor de toda Espanha!  
Punhos ao alto prometem  
levar a cabo a vingança:  
- A vingança é atacar  
Com fúria sem igual.  
Se Madri inteira disse  
“Não passarão!” – e não pasam -  
É chegado enfim o momento  
que soe por toda a Espanha  
outra ordem que diga:  
“Passaremos!”  
A palavra  
multiplica-se no vento,  
agita o mar em suas águas,  
espalha ondas sem fim,  
eterniza-se na distância.

Tradução do espanhol por Syntia Alves.

## Notas

<sup>1</sup> Publicado em 14 División nº5, 1937, retirado do El Mono Azul, 11 de fevereiro de 1937 (N.T.). Buenaventura Durruti nasceu em León em 1896. Desde

## A morte de Durruti

sua juventude, em contato com os princípios anarquistas, participou ativamente na luta social do proletariado. Detido e condenado à prisão, escapou para Barcelona onde fundou o grupo “Os solidários”. O grupo, vinculado à Federação Anarquista Ibérica (FAI), lutava contra os grupos de matadores mantidos por empresários catalães e executou atentados contra bancos, burgueses e altos funcionários públicos. Exilado na América Latina, passou com “Os solidários” pela Argentina, México, Peru, Chile, Cuba entre outros países. Regressou à Espanha, em 1931, com a instauração da República e fez parte das lutas revolucionárias dos anos 1930. No momento do levante liderado por Francisco Franco, em 1936, Durruti estava em Barcelona onde se destacou na consolidação das forças libertárias na Catalunha. Em novembro de 1936, levou uma coluna de milicianos a Madri, onde foi morto, no dia 19 do mesmo mês, defendendo a Cidade Universitária. Sobre a morte de Durruti sugere-se consultar o livro de Joan Llach, *La muerte de Durruti*, Ediciones Aura, 1973 (N.T.). Em verve, Cf. Emma Goldman, “Durruti está morto, contudo vivo”. Nu-Sol, verve 09, 2006 (N.E.).

<sup>2</sup> Aviões de combate alemães e italianos, respectivamente (N.T.)

<sup>3</sup> Em espanhol “pelo en pecho, dura barba”. Ambas as expressões que significam, respectivamente, coragem e teimosia (N.T.).

<sup>4</sup> Em novembro de 1936, o tenente coronel Carlos Asensi tentou em três ocasiões ocupar a Cidade Universitária atravessando o (rio) Manzanares com tropas marroquinas e locais. O poema se refere à presença das tropas africanas enfrentadas pelas colunas anarquistas que protegiam essas posições.

<sup>4</sup> Em Barcelona uma grande manifestação de dor popular caracterizou o enterro de Durruti. O cortejo fúnebre saiu da sede da CNT e o caixão foi levado nos ombros por milicianos da coluna “Durruti”. Llach (ver primeira nota) estima em trezentas mil o número de pessoas que compareceram ao enterro.